

# Segue o fio

**1932**

*Surge o Grêmio Esportivo Telefônica (GET), agremiação voltada à promoção social da categoria.*



*Mestre Saturno*

**1945**

*Figura fundamental na história da associação, Saturnino Manoel da Rosa ingressa na CTRG aos 14 anos.*

**1980**

*A Associação dos Empregados da Companhia Riograndense de Telecomunicações (AECRT) é fundada no dia 9 de janeiro.*

## Capítulo 2

# O elo maior

A jornada de trabalho era curta para quem queria compartilhar os bons momentos com os colegas. Assim nasceu uma associação que uniu ainda mais a Família CRT.



### *Eu sou do Sul*

*O episódio intempestivo da encampação dos serviços telefônicos, comandado por Leonel Brizola, contribuía para inflar o orgulho de quem trabalhava na CRT. Aquela era uma empresa nascida (ou conquistada) com total destemor, no melhor estilo gaúcho.*

## Uma sigla, um sobrenome

Contar com equipes engajadas é o sonho de qualquer empresa. Para isso, os profissionais precisam se sentir como partes vitais do negócio. É o que se chama de pertencimento, um valor calcado na consolidação dos elos profundos entre as pessoas. A ASTTI é herdeira e mantenedora de laços sólidos que se formaram ao longo dos quase 40 anos de existência da CRT. Boa parte desse período foi caracterizada por uma rara simbiose entre os funcionários e a companhia. “A CRT era uma família. Todo mundo se conhecia. Nenhuma pessoa de fora podia falar mal da empresa”, conta o engenheiro Itamar Prestes Russo, presidente da AECRT entre 1983 e 1987.

O caráter familiar da CRT pode ser explicado por diversos elementos. Um deles eram os vínculos trazidos de berço. “Fui ligado à CRT desde que nasci. Meu pai trabalhava lá. Depois minha irmã, irmão, dois cunhados, sogro, enfim, toda a família”, conta Adão Proença, diretor de patrimônio da ASTTI. Ele ingressou na CRT em 1972, aos 19 anos, e resistiu aos processos de privatização, permanecendo até se aposentar, em 2005.

O caso de Proença não é isolado. Era comum ter duas ou três gerações da mesma família atuando na empresa. Isso se deve, também, ao modelo de contratação utilizado pela CRT. Em geral, o processo começava por uma indicação. O profissional, em seguida, passava por testes de conhecimento, entrevistas e avaliações psicológicas até a admissão.

A maior parte dos funcionários tinha uma trajetória longa na companhia. O número de demissões era baixo. Quando ocorriam, os desligamentos quase sempre derivavam de problemas compor-

*“Convivíamos num clima de amizade e de orgulho por servir à CRT. E a administração valorizava muito o funcionário. Quem ia bem era promovido.”*

*Pedro Sousa, ex-presidente da AECRT*



*Congratamento: associações internas e o GET impulsionavam a união dos funcionários.*

tamentais. “A retidão moral das pessoas era tão importante quanto a qualidade técnica. Isso ajudou a formar esse sentido de família”, diz o engenheiro Remy Carlos Susin, ex-superintendente da CRT e membro do Conselho Deliberativo da ASTTI.

O bom relacionamento não se limitava ao ambiente de trabalho. E essa afinidade levou à formação de núcleos cuja finalidade era promover a convivência entre a equipe.

## Células em rede

A dimensão da CRT pode ser compreendida pelo número de sedes. Apenas em Porto Alegre, a empresa tinha unidades em bairros como Azenha, Bela Vista, Partenon, Jardim Carvalho, Ipanema e Anchieta, entre outros, sem contar os prédios administrativos e salas cedidas na área central. Diversos municípios da Região Metropolitana e do interior também possuíam operações da companhia.

A multiplicidade de departamentos suscitou a criação de associações internas. Eram grupos sem vinculação entre si, surgidos

## Grande Família

A CRT chegou a ter 7,5 mil funcionários. O ápice se deu na gestão do governador Amaral de Sousa, entre 1979 e 1983. Cerca de mil pessoas foram admitidas nesse período. Em 1994, pouco mais de um ano antes do início do processo de privatização, a empresa contava com aproximadamente 6 mil empregados.

para promover ações voltadas apenas aos funcionários locais. Manutenção, Centro de Treinamento, Rede Matriz, Compras. Enfim, cada setor ou unidade municipal possuía a sua célula. Uma das mais curiosas era a Associação das Operadoras do Tráfego (Aotra), cuja sigla gerava uma série de brincadeiras.

Os núcleos possuíam uma estrutura diretiva própria, escolhida pelos colegas. Alguns até elaboravam estatutos. As associações internas, entretanto, não tinham uma finalidade representativa. O propósito era apenas integrar a equipe por meio de festividades e torneios. “Eu organizava os eventos da associação do prédio Bela Vista, que congregava diferentes setores. Durante 20 anos, entre as décadas de 1970 e 1980, aquele grupo se reuniu semanalmente para jogar futebol e fazer churrascos na Sociedade de Engenharia”, recorda o engenheiro Pedro Sousa. A direção da empresa apoiava essas iniciativas, destinando verbas específicas às associações.

*“Eu vivia mais dentro da CRT do que em casa. Quase todos os colegas eram apaixonados pela CRT. Havia um amor muito grande.”*

*Enoir Kowalski, ex-diretor de esportes da AECRT e da ASTTI*



*Duelo mental:  
o xadrez era  
tradicional na CRT.*



O esporte, aliás, era um dos temas recorrentes dos núcleos internos. E é nessa área que circulava um personagem fundamental da história da ASTTI.

## Entre quadras e tabuleiros

A atenção dada ao esporte no setor de telecomunicações do Rio Grande do Sul é anterior à própria formação dos órgãos de classe estaduais. O Grêmio Esportivo Telefônica (GET), por exemplo, surgiu em 1932, ainda na época da CTRG.

A função da entidade era organizar os torneios internos e as seleções que representavam a empresa em competições estaduais e nacionais – como os Jogos do Sesi. Filiado à Federação Gaúcha de Futebol Amador, o GET contava com atletas e equipes em diversas modalidades, incluindo futsal, vôlei, atletismo, natação, pingue-pongue e xadrez.

*Nas raquetes: Brandão (segundo da dir. para a esq.) começou sua trajetória no time de tênis de mesa.*

### De sair fãisca

**O futebol era um dos poucos fatores que provocavam rixas na Família CRT.**

**Havia uma forte rivalidade entre os departamentos.**

**Às vezes, o clima esquentava.**

**“Certa vez, criei uma confusão num jogo entre Bela Vista e Infraestrutura. Uma briga generalizada. O Itamar Russo, que era meu chefe, queria até me suspender”, conta o diretor de esportes Gilberto Brandão, em meio a risadas.**

## Homem de famílias

A participação associativa de Mestre Saturno não se resume à CRT. Ele foi diretor financeiro do Sinttel-RS e atuou nos departamentos de futsal e futebol feminino do Internacional. Saturno também teve um grande envolvimento com o carnaval. Entre 1991 e 1993, presidiu a Imperadores do Samba, maior campeã dos desfiles de Porto Alegre. A Banda Itinerante, uma das principais agremiações do samba gaúcho, também o teve como presidente. Saturnino faleceu em 30 de agosto de 2018. Eny foi sua fiel parceira ao longo de 66 anos de casamento. “Meu marido fazia tudo com amor e paixão. Valeu a pena cada minuto ao lado dele.” O casal teve três filhos, sete netos e cinco bisnetos.

## Pupilos

Saturno gostava de dizer que tinha alguns filhos na CRT. Eram pupilos a quem ele queria bem e havia orientado. Dois deles, Enoir Kowalski e Gilberto Brandão, foram seus sucessores no cargo de diretor de esportes da associação.



Saturnino: um mestre querido por todos.

Foi através do GET que o porto-alegrense Saturnino Manoel da Rosa conquistou um lugar especial na memória dos funcionários da CRT. Ele ingressou na empresa aos 14 anos, em 1945, para atuar como estafeta – função semelhante à de office-boy. Depois, fixou-se no departamento de tráfego. “Em 1969, com 25 anos, assumi a chefia do setor sem conhecer nada”, conta Remy Susin. “A primeira pessoa que me cativou foi o Saturnino. Ele era muito correto, solícito,

### “Trabalhador que não tem lazer, tem dificuldade de vida e de sobrevivência.”

Saturnino Manoel da Rosa, ex-diretor de esportes da AECRT

carismático. Transformei-o em meu gerente de recursos, pois sabia que poderia contar com ele. Todos podiam, na verdade.”

A sabedoria, a experiência e o jeito afável de se relacionar com os colegas eram marcas de Saturnino. Não à toa, ganhou o apelido de Mestre Saturno. “Ele acolhia as telefonistas iniciantes que chegavam do interior. Dava atenção a elas, orientava. Era um paizão mesmo”, diz Eny da Rosa. Tia Eny, como é chamada, esteve ao lado do marido em todas as suas andanças como diretor de esportes do GET – fosse na chuva, no sol ou à margem dos campos empoeirados do interior.

Colorado fanático e apaixonado por futebol, Saturno começou sua trajetória como atleta da CRT. Depois, tornou-se o principal articulador das competições esportivas da empresa. Criava os regulamentos, resolvia pendengas, convencia os chefes de setor a liberar jogadores, transportava equipes, envolvia-se a fundo nas competições. Deixava um pouco de sua alma em cada detalhe. “Saturno era um baluarte”, enaltece Itamar Russo. Poucas pessoas vestiram a camisa da CRT com tanto afinco. Aliás, ele ia além disso. “A gente lavava os uniformes dos times em casa. No inverno, eu espalhava as camisas pela sala e secava com ventiladores”, lembra Tia Eny.

Na prática, o carisma de Mestre Saturno interligava as diferentes associações internas da empresa através do esporte. As pontes criadas por ele deram suporte ao aparecimento da entidade que agruparia todos esses núcleos, fazendo convergir a força da Família CRT para um só ponto. “Se não houvesse Mestre Saturno, não haveria AECRT”, define Pedro Sousa.

## Fim incerto

*É difícil saber até quando o GET existiu. Tudo indica que a entidade foi absorvida pela criação da AECRT, mas os registros não são claros. “De acordo com minhas pesquisas, esse foi o primeiro clube de futebol da história dos telefônicos”, destaca Rogério Verlindo.*



*Feras: craques da CRT no gramado suplementar do Beira-Rio, no começo dos anos 1980.*



## Fardas e festas: a reunião do Garajão

O companheirismo entre os colegas, os núcleos associativos internos e a intensa atividade esportiva: esses três fatores estão diretamente relacionados ao surgimento de uma associação unificada dos empregados da CRT. O movimento tem uma origem quase espontânea, fruto das características do ambiente de trabalho e dos meios de organização utilizados pelos funcionários.

Ainda assim, a empresa tinha interesse na consolidação de uma entidade que envolvesse todo o quadro funcional. Era, inclusive, um pleito de alguns diretores. Isso porque, à época, organizações como a CEEE já possuíam entidades voltadas ao bem-estar dos funcionários. A CRT, ainda não.

A associação, do ponto de vista diretivo, teria duas finalidades. “O primeiro fator era propiciar uma melhor qualidade de vida à equipe, com a construção de um espaço de lazer. O outro era fidelizar os funcionários, mantendo-os conectados aos valores da empresa”, explica Remy Susin, que fez parte do grupo destacado pela CRT para estudar maneiras de materializar a associação.

A ideia começa a tomar forma no final de 1979, após o GET se destacar nos Jogos do Sesi. Os debates, impulsionados pelo bom desempenho esportivo, ocorreram na sede do departamento de serviços gerais. Localizado na rua Nunes Machado, no bairro Azenha, o prédio pertencera à fábrica de condicionadores de ar Springer. A CRT havia comprado o imóvel para transformá-lo na garagem dos veículos utilizados em serviço – daí o apelido de “Garajão”.

Quem coordenava o setor era Luiz Alberto Quintero Maciel, um coronel reformado da Brigada Militar. Ele havia ingressado na CRT por volta de 1978, a convite da direção. Quintero, na prática, era talhado para liderar o projeto da associação, pois contava com o respaldo do alto comando da empresa e mantinha o pulso firme dos tempos de caserna.



*Quintero: o elo entre a direção da CRT e os funcionários.*



## Pontapé inicial

*A AECRT ficou inicialmente sediada no próprio Garajão, onde Quintero atuava. Uma de suas providências foi construir uma quadra de futsal no local. O piso recebeu a aplicação de uma tinta de borracha clorada. Foi preciso utilizar várias camadas para garantir um bom efeito. O Garajão passou a acolher alguns campeonatos internos da CRT, além de eventos festivos.*

Por outro lado, a personalidade comunicativa e alegre garantia a sua aderência junto aos empregados. “O pessoal do transporte era muito festeiro. E meu pai também era. Gostava muito de organizar essas confraternizações”, lembra Sérgio Maciel, filho de Quintero e ex-funcionário do departamento pessoal da CRT. “Era um homem firme, mas permeável, muito educado e de boa convivência”, complementa Remy.

Em 9 de janeiro de 1980, uma quarta-feira, o Garajão se abriu para receber diretores, membros do GET e representantes das diferentes associações internas da CRT. Itamar Russo, Adão Proença, Carlos Quevedo, Remy Susin, Nelson Ball da Rocha e Mestre Saturno, entre outros, faziam parte do grupo que presenciou a fundação da Associação dos Empregados da Companhia Riograndense de Telecomunicação (AECRT).

## Na bola e no gogó

*O coronel Quintero também era ligado ao esporte. Havia representado a Brigada Militar em competições de vôlei, futebol e basquete. Além disso, adorava cantar. E não fazia feio ao microfone. “Cantava bem. Gostava de músicas castelhanas”, lembra o filho Sérgio. Nascido em Santana do Livramento (RS), em 3 de julho de 1929, Quintero faleceu em 23 de janeiro de 2018.*



### FUNCIONÁRIOS DA CRT

*Eleita e empossada há poucos dias, a diretoria da Associação dos Empregados da Companhia Riograndense de Telecomunicações — AECRT — esteve visitando o presidente da empresa, eng.º Francisco Moraes Varela, agradecendo o apoio oferecido à entidade dos funcionários. Da esquerda para a direita, aparecem: Hélio Valmor Silveira, diretor patrimonial; Saturnino Manoel Rosa, diretor de esportes; Mário Almeida, diretor social; Luiz Alberto Quintero Maciel, presidente da Associação; Francisco Moraes Varela, presidente da CRT; Almerício Sena de Sales, diretor de Relações Públicas; Oswaldo Bonotto, vice-presidente; Nelson J. Ball da Rocha, 1.º secretário; Paulo Orlando Varoni, tesoureiro.*

Um conselho formado por membros indicados em cada uma das diretorias da empresa realizou uma votação para apontar quem seria o presidente da associação. A primeira apuração revelou um empate entre Oswaldo Bonotto e Luiz Alberto Quintero. No segundo pleito, porém, Quintero levou a melhor. Bonotto, assim, assumiu a vice-presidência.

A parti dali, os diretores peregrinaram por departamentos e grupos de empregados do interior em busca de adesão ao projeto da associação. Assim começava uma história que envolveria milhares de funcionários da CRT – e mudaria para sempre a vida de muitos deles.

### *A primeira direção da AECRT ficou assim constituída:*

**Cel. Luiz Alberto Quintero Maciel**  
Presidente

**Almericio Sena de Sales**  
Diretor de Relações Públicas

**Oswaldo Bonotto**  
Vice-Presidente

**Maria Cecília Tabarez Santana**  
Diretora Feminina

**Nelson Ball da Rocha**  
1º Secretário

**Cesar Paulo Cunha da Silva**  
Vice-Diretor Social

**Carlos Gonçalves Quevedo**  
2º Secretário

**Nice Iara Juneal da Silva**  
Vice-Diretora Feminina

**Paulo Orlando Varoni**  
Tesoureiro

**Antoninha Alves de Lima**  
2ª Vice-Diretora Feminina

**Helio Valmor Silveira**  
Diretor Patrimonial

**Mary Ester Maynardi**  
Assessora Cultural

**Mário Almeida**  
Diretor Social

**Airton Angelos de Sales**  
Assessor Social

**Saturnino Manoel da Rosa**  
Diretor de Esportes

**Cecília Neumann**  
Assessora de Relações Públicas

### **Na fonte**

*Para garantir a saúde financeira da AECRT, a direção definiu que a cobrança da mensalidade seria compulsória, com desconto em folha. “Poucos colegas se opuseram à ideia e foram contra a contribuição”, afirma Dulce Margareth Gonçalves, ex-presidente da AECRT e da ASTTI.*

*O caixa demorou um pouco para ser formado. Tanto que o primeiro fardamento com o logo da AECRT só foi confeccionado sete meses depois da fundação.*



*Garajão: um misto de abrigo para os automóveis e centro de convivência.*

*Poliesportivo: funcionários atuavam em diversas modalidades.*





Orgulho: Saturno, Fialho e Corrêa defendendo a bandeira do GET em 1960.



Seleção: o time de futebol do GET em 1954.



Na avenida: caminhão em desfile de 7 de setembro na década de 1960.



Atletismo: competidores nos anos 1960.



Anos 1970: time de futsal da CRT nos Jogos do Sesi.



Festa: canecos dos departamentos de Tráfego, Operações e Construções.



Fotos desta página: Memória CRT (ACRRT)

Família: colegas da CRT em eventos comemorativos nos anos 1970.





Foto: Memorial CRT (AACRT)

*Fundamentais: Tráfego e Rede eram dois dos departamentos mais numerosos.*



Foto: Memorial CRT (AACRT)



Foto cedida por Rosa Leite

*Beleza: candidatas do primeiro concurso Garota CRT, organizado pela AECRT em 1980.*